

HISTÓRIA &... REFLEXÕES



Monica Pimenta Velloso

HISTÓRIA
&
MODERNISMO

autêntica

Essa foi uma das tônicas de *A Revista* (1925-1926). Reforçando os ideais da homogeneidade, buscava aplainar as arestas internas, garantindo a coesão intelectual em torno de uma suposta identidade mineira. A publicação apresentava-se como órgão político, propondo a dignidade da política através de uma obra de “saneamento da tradição”. Esclarecia: “Somos tradicionalistas no bom sentido [...] se adotamos a reforma estética é justamente para multiplicar e valorizar o diminuto capital artístico que nos legaram as gerações passadas.

A publicação empenhou-se na criação de um imaginário mineiro que conformaria uma das bases inspiradoras de projetos políticos nas décadas seguintes. Reforçava-se o espírito clássico como garantia do equilíbrio entre razão e paixão, eternidade e momento, passado e presente, regional e universal. Inspirando-se nos pressupostos iluministas, os mineiros defendiam a razão instrumental e moderna articulando-a com as categorias do pensamento clássico. Articulado em torno de *A Revista*, o grupo tomava São Paulo, através da figura de Mário de Andrade, como referência matriz.

Já vimos que tais ideias não constituíram consenso, haja vista a reação de João Alphonsus quando Manuel Bandeira, para elogiar o mineiro Austen, citara o exemplo dos rapazes de São Paulo. Alphonsus retrucara: “é banal e inútil elencar as tendências do modernismo”. Diagnosticando uma situação de crise de autoridade, *A Revista* opunha o “Brasil-laboratório” e prudente ao “Brasil desorientado e neurótico”. Reunindo em sua direção nomes como Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Alphonsus e Martins de Almeida, predispunha-se a traçar os rumos da mudança, não só na esfera intelectual. Salientando a necessidade premente de transformações, Emílio Moura (1925) constatava: “As coisas já não vivem no mesmo plano, iluminadas pela mesma luz do século passado. Somos outros.”

O apelo à razão foi a força arregimentadora: percebia-se estar vivendo um momento decisivo da nacionalidade. Findo o regime da escravidão, instaurado o regime republicano, estancara-se aparentemente o cenário das mudanças, gerando um clima de comodismo e ceticismo. É justamente contra esse estado de espírito que

se colocava o edital de *A Revista*: “[...] parecia que nada havia a fazer senão cruzar os braços. Engano. Resta-nos humanizar o país”.

***História & Modernismo*, Monica Pimenta Velloso, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010, pp. 68-69.**